



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 17/08/18

GLOBAL	2
Sequía afecta la ganadería alrededor del mundo	2
BRASIL	2
Escasez de oferta incrementa las cotizaciones de la vaca gorda.....	2
CEPEA: Precios en alza en la primera quincena de agosto	3
Abrafrigo: récord de exportaciones en el mes de julio	3
Exportaciones sumaron US\$ 3500 millones – China representó la mitad del volumen total	3
Crisis turca afecta exportadores de hacienda en pie	4
Procuración emite dictamen favorable a la exportación de animales vivos.....	5
RUSIA: refutó información sobre posible reapertura de Brasil.....	5
Prorrogan plan de pago de deudas de Funrural.....	5
Incremento en fletes impacta sobre la exportación	6
Paraná solicitará anticipar la fecha para dejar de vacunar contra la AFTOSA	7
Huelga de camioneros y restricciones impuestas por los mercados perjudicaron a empresas brasileñas	7
URUGUAY	8
Se terminó la fiesta del ganado gordo: hasta diez centavos de dólar menos que la semana pasada por los mejores novillos	8
La participación de la industria en el valor del novillo tipo es la más baja en tres años	9
Devaluación en Turquía pone en jaque a la exportación en pie	9
Uruguay está más cerca de exportar carne a Japón	10
Exportaciones de carne uruguaya suben un 7% en primeros siete meses de 2018	11
Consultora australiana realizó informe sobre cadena cárnica uruguaya	11
Wagyu: la carne más cara del mundo que ya se produce y se consume en Uruguay	11
El desplome de la lira turca frena la exportación de ganado en pie.....	13
Aíslan 100 cepas de tuberculosis de bovinos	13
PARAGUAY	14
Rusos estarán en dos frigoríficos	14
Rusos indagan tema carne.....	14
Rusia pide mejorar vigilancia en la producción cárnica	15
Preocupa a Rusia carne ingresada desde Brasil	15
Taiwán triplica compra de carne.....	15
ESTADOS UNIDOS	16
USDA prevé un aumento en la producción total de carne en 2018, pero menor producción de carne vacuna	16
Feed lots nuevamente con márgenes en rojo	16
Checkoff :se extiende la batalla legal a más estados	16
AUSTRALIA	17
Récords en la exportación de carne <i>grainfed</i>	17
Sequía impulsa la faena de hembras	18
Importan Kobe beef y compite con el producto local	18
EMPRESARIAS	18
Marfrig y Embrapa hacen alianza para certificar carne vacuna	18
JBS alza del dólar provoca aumento de las pérdidas en el segundo trimestre	19
Marfrig pérdidas por R\$ 582 millones en el segundo trimestre.....	20
CHINA Alibaba contribuye a fortalecer el sector de alimentos.....	20
MARFRIG VENDIÓ KEYSTONE A TYSON POR US\$ 2500 MILLONES	21



GLOBAL

Sequía afecta la ganadería alrededor del mundo

August 16, 2018 Cattle raisers around the world are struggling with drought and international media headlines are showing that farmers and ranchers are handling the water shortages differently.

The Swiss army delivered water to cows grazing the foothills of the Alps in Switzerland during a recent heatwave with helicopters. An estimated 40,000 cows graze the pastures in Vaud canton (state) in western Switzerland and need up to 40 gallons of water each.

“The situation is very worrying because Switzerland has not known a drought like that ... since 1921,” says Philippe Leuba, head of economy and sport for Vaud.

Farmers in Finland have a short supply of feed and forage because of a dry summer forcing some dairy farmers to consider selling cows.

“We will have to start eliminating them, one by one. This morning I found myself looking at the lists with that in mind. There's no hay anywhere around here, and we don't have the money to buy it,” says Finnish dairy farm owner Seija Kairinen.

Germany is considering a 1 billion euro (\$1.17 billion) aid program that would primarily benefit livestock producer impacted by drought.

“In many regions we are suffering from a massive shortage of animal feed,” says German agriculture minister Julia Kloeckner.

The widespread drought in Europe has forced a number of cattle to be culled or slaughtered early, leaving a glut of beef in cold storage. For instance, in Ireland cattle slaughter is up 11% from last year and 18% from 2016.

“Additional cattle are coming onto the market throughout Europe, which is experiencing the same drought conditions as Ireland – resulting in more beef than the market can contend with right at this moment,” says Cormac Healy, senior director with Meat Industry Ireland.

The country probably suffering the worst drought is Australia. The Australian Bureau of Meteorology has reported that the eastern half of the country is going through its worst drought since 1965.

Dry conditions have spurred the federal government to pay individual farmers 12,000 Australian dollars (\$8,870) in emergency funding. The total drought aid comes to 576 million Australian dollars (\$417 million). Prime Minister Malcolm Turnbull says his countrymen must realize Australia is the “land of drought and flooding rains.”

During a jarring interview with New South Wales dairy farmer Jason Maloney told BBC News, “It's gotten to the point where it's cheaper to shoot your cows than it is to feed them.”

While those stories from Australia are difficult to grasp, a viral drone video shared by Burrabogie Livestock and Contracting gives viewers a glimpse of what it is like caring for cattle and sheep in New South Wales.

The video shows approximately 1,200 head of cattle waiting for their chance to get a drink. The video has gone viral with nearly 180,000 views on the original video and several versions being shared by news outlets gaining thousands more.

“Rivers were too low to water in as the cattle would get bogged and mills had stopped pumping as the water table had dropped,” says Amber Wright from Burrabogie Livestock and Contracting.

More images of the drought in Australia can be seen in a drone photo expose from Reuters.

Closer to home drought has led to USDA declaring disaster status for 36 counties, the Governor of Kansas has opened up water for emergency use and Texas ranchers are struggling with a hay shortage.

To the north in Canadian farmers are dealing with moderate drought conditions in five western provinces.

North of Winnipeg, Manitoba conditions are getting dire with a severe drought setting in according to the Government of Canada.

“There are folks up there that are talking about liquidating, simply because there is no feed available to them,” says Tom Teichroeb, interim president of the Manitoba Beef Producers. “The right word is pathetic.”

BRASIL

Escasez de oferta incrementa las cotizaciones de la vaca gorda

Portal DBO - 17/08/2018 Com pouco animais disponíveis no mercado, preço da categoria subiu em 12 praças

Estamos entrando na segunda quinzena do mês, período em que sazonalmente há queda no consumo e isso permite aos frigoríficos trabalharem com estoques mais “enxutos”. Entretanto, apesar da menor demanda, a oferta curta é que está ditando o ritmo das cotações no mercado do boi gordo.

No fechamento da última quinta-feira, 16 de agosto, houve alta em oito praças para o boi gordo e em doze para a vaca gorda, o que ilustra o cenário de firmeza nas cotações.

O maior número de altas para a vaca gorda é reflexo da escassez de oferta desta categoria.



No mercado atacadista de carne bovina com osso, após a queda registrada no início da semana, o cenário atual é de estabilidade. A carcaça de bovinos castrados está cotada em R\$ 9,39/kg.

CEPEA: Precios en alza en la primera quincena de agosto

16/08/18 - por Equipe BeefPoint

1A oferta de animais para abate esteve baixa na primeira quinzena deste mês, cenário que elevou os preços arroba no período.

Pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP) indicam, no entanto, que o movimento de alta foi limitado pelo posicionamento recuado de representantes de frigoríficos, especialmente nesta semana – muitos diminuíram o ritmo de aquisição de novos lotes, diante do enfraquecimento das vendas da carne no mercado atacadista.

No acumulado parcial de agosto (até o dia 15), o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo aumentou 0,67%, fechando em R\$ 142,65 nessa quarta-feira, 15.

Abrafrigo: récord de exportaciones en el mes de julio

13/08/18 - por Equipe BeefPoint

A exportação total de carne bovina (in natura e processada) bateu recorde em julho, com crescimento de 24% em comparação com igual mês de 2017, depois de quatro meses consecutivos de resultados negativos. Foram embarcadas 159.004 toneladas no mês passado, em comparação com 127.787 toneladas em julho de 2017.

Os preços também melhoraram significativamente. A receita cambial, que no mesmo mês de 2017 atingiu US\$ 533,5 milhões, saltou para US\$ 840 milhões em julho passado, crescimento de 58%. As informações são da Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo), que compilou os dados divulgados pelo Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC).

Os números são positivos no acumulado do ano até julho, favorecendo alcançar a meta de crescimento de 10% em 2018, já que no segundo semestre do ano as vendas tendem a crescer, avalia a Abrafrigo. Em 2017 foram exportadas 783.735 toneladas de carne bovina até julho e a receita obtida foi de US\$ 3,1 bilhões. Em 2018 a movimentação é de 841.002 toneladas e a receita cambial obtida atingiu US\$ 3,5 bilhões, com crescimento respectivo de 7% e de 11%.

A China, por meio da Cidade Estado de Hong Kong e do continente, continua elevando suas importações de produto brasileiro. As compras chinesas passaram de 289.407 toneladas no acumulado de 2017 até julho para 370.192 toneladas este ano. A receita, que responde por 44,1% das vendas brasileiras, subiu de US\$ 1,14 bilhão no ano passado para US\$ 1,6 bilhão neste ano.

O Egito é o segundo maior comprador do produto brasileiro até o momento, com 86.100 toneladas (+42%), o Chile é o terceiro, com 60.812 toneladas (+89%) e o Irã, o quarto, com 41.470 toneladas, embora tenha reduzido suas aquisições em relação a 2017 (-33%), por causa das dificuldades impostas pelas sanções dos EUA.

Segundo a Abrafrigo, há expectativa no setor pelo retorno da Rússia às compras do Brasil. A Rússia respondia por cerca de 10% das vendas brasileiras e, em 2017, havia movimentado 88 mil toneladas até julho.

A Abrafrigo destaca uma recuperação nas vendas para alguns países da União Europeia: Alemanha (+32%); Países Baixos (+10%); Reino Unido (+16,7%) e Espanha (+30,8%). No total, 84 países aumentaram suas compras até julho enquanto outros 58 reduziram as aquisições de carne brasileira.

Exportaciones sumaron US\$ 3500 millones – China representó la mitad del volumen total

China é responsável por 54% do volume e Alemanha aumentou compras em mais de 300%

Com certificado de sanidade e produzida com sustentabilidade, a carne bovina brasileira entrou em mais de 135 países, em 2017, totalizando 1,5 milhão de toneladas e divisas de US\$ 6,1 bilhões. Já no acumulado de janeiro a julho deste ano, o Brasil vendeu 844 mil toneladas, acréscimo de 8,3% em comparação ao igual período do ano passado, representando US\$ 3,5 bilhões (+11,1%).

De acordo com os dados da Secretaria de Relações Internacionais do Agronegócio do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, os principais mercados importadores da proteína animal produzida pelo Brasil, até julho deste ano, foram Hong Kong, China, Egito, Chile, Irã, Estados Unidos e Alemanha.

O destaque do período foi a China, com alta de 56,4% (US\$ 729 milhões) no valor importado do Brasil, com 158 mil toneladas (+43,8%) de carne bovina. Outro mercado comprador de relevância nos sete primeiros meses do ano foi a Alemanha, com alta de 338,4% no volume financeiro, ou US\$ 133,8 milhões, o que corresponde a quase 6 mil toneladas.



O Chile aumentou seu fluxo comercial com o Brasil. Suas compras no período tiveram incremento de perto de 80%, alcançando US\$ 253 milhões. O volume chegou a quase 61 mil toneladas de carne bovina no acumulado do ano.

Outro destaque no ranking da carne bovina brasileira é Hong Kong, que comprou US\$ 879 milhões (+29,1%) e 212 mil toneladas (+18,1%).

O Brasil disputa com a Índia a primeira posição entre os maiores exportadores mundiais de carne bovina com aproximadamente, 1,85 milhão de toneladas, em 2017, de acordo com o relatório do USDA (Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, na sigla). Depois vem a Austrália (1,48 milhão t) e os Estados Unidos (1,3 milhão t). O país possui 217 milhões de cabeças de gado bovino e bubalino.

Crisis turca afecta exportadores de hacienda en pie

15/08/18 - por Equipe BeefPoint A crise cambial na Turquia preocupa os pecuaristas brasileiros, sobretudo depois que o país se transformou, neste ano, no destino de 80% das exportações de bovinos vivos do Brasil. De janeiro a julho, as vendas de animais ao mercado turco renderam US\$ 240,9 milhões e colaboraram para o recorde dos embarques totais, que alcançaram US\$ 301,1 milhões no período e de longe já superaram o resultado de todo o ano passado (US\$ 276 milhões).

O alerta é maior no Rio Grande do Sul, já que 100% das exportações que saem do Estado têm como destino a Turquia. Como em outras regiões brasileiras, as vendas de bois vivos ao exterior, embora representem proporcionalmente um volume muito pequeno – e mesmo diante da oposição de ambientalistas e organizações preocupadas com o bem-estar dos animais –, se tornou uma opção de renda em momentos de queda das compras para abate pelos frigoríficos.

O economista-chefe da Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul), Antônio da Luz, confirma que, apesar de absorverem apenas 1% da oferta de gado para abate no Estado (de cerca de 1,9 milhão de cabeças em 2017), as vendas de animais vivos para a Turquia são uma “arma” nas negociações com frigoríficos. Por isso, uma eventual suspensão das vendas por conta da crise econômica turca poderia causar “impacto negativo” aos produtores.

Segundo Luz, além de sinalizar e ajudar a sustentar os preços internos, as exportações chegam a render 60% a mais para os pecuaristas gaúchos do que as vendas domésticas. No fim de 2017, enquanto na entrega para a indústria local o quilo estava cotado a R\$ 4,77, no porto de Rio Grande ele alcançava R\$ 7,67, relata.

O Rio Grande do Sul é o terceiro maior Estado exportador de gado vivo do país para a Turquia em 2018, com US\$ 56,3 milhões de janeiro a julho e alta de 207,4% em comparação ao mesmo intervalo de 2017. Em todo o ano passado, o Estado foi o segundo maior fornecedor dos turcos, com US\$ 35,6 milhões, ou 24,4% dos US\$ 146 milhões negociados por todo o país. O Pará é o primeiro da lista, com receita de US\$ 58,7 milhões em 2017 e de US\$ 96,1 milhões nos sete primeiros meses deste ano.

Conforme Luz, até agora a Farsul não recebeu qualquer informação sobre uma possível redução ou mesmo interrupção dos embarques para a Turquia. Na opinião dele, mesmo com a desvalorização da lira turca, ainda é mais barato para o país importar gado vivo do que carne bovina, e o Brasil tem vantagens em relação a outros fornecedores internacionais porque o real também se desvalorizou nas últimas semanas, ainda que bem menos do que a moeda turca.

Uma fonte do segmento afirmou ao Valor que ainda é cedo para dimensionar o impacto do tremor turco sobre os embarques brasileiros de bovinos vivos. “Diante da instabilidade cambial no país, é natural que os compradores até peçam um tempo para avaliar a situação. Foi isso o que aconteceu no Uruguai, que exporta carne bovina para Turquia. Mas é improvável que a compras deixem de ser feitas”, avaliou. “Se o país não quer convulsão social, não vai afetar o preço dos alimentos. O consumo de carne faz parte da rotina”, disse.

Para o presidente do Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados do Rio Grande do Sul (Sicadergs), Ronei Lauxen, “não se pode negar” que um eventual aumento da oferta interna por causa da queda das importações de animais vivos pela Turquia terá “algum efeito sobre os preços”. Atualmente o quilo vivo está cotado em torno de R\$ 4,70 no Estado, mesmo nível de 12 meses atrás.

“Havia um temor nosso de que poderia ocorrer falta do produto em caso de crescimento muito acentuado das exportações [de bois vivos]”, lembra Lauxen. Conforme ele, em caso de suspensão das vendas externas o gado poderá ser absorvido pelos frigoríficos locais, que têm capacidade para abater 2,5 milhões de cabeças por ano e operam com ociosidade em torno de 25%.

Se no Rio Grande do Sul o momento é de atenção, nos demais portos brasileiros que trabalham com cargas vivas a turbulência turca ainda não se anunciou. Em Barcarena, no Pará, a administração do -porto de Vila do Conde informou que o próximo navio programado para atracar, na quinta-feira da semana que vem, carregará o maior lote deste ano para a Turquia – 20 mil cabeças de boi. Até junho, foram 37,4 mil, todos com chegada em Mersin. Em São Sebastião, as operadoras de carga também afirmam que nenhum sinal dos compradores turcos foi emitido até o momento.



Procuración emite dictamen favorable a la exportación de animales vivos

16/08/18 - por Equipe BeefPoint A Procuradora-Geral da República, Raquel Dodge, emitiu na terça (14) um parecer favorável ao transporte e às exportações de animais vivos na ação da CNA.

Esse posicionamento beneficia o setor produtivo e ratifica a posição da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) de que a exportação de animais vivos é uma atividade lícita e amplamente regulamentada pelos órgãos federais e internacionais.

A manifestação da chefe do Ministério Público Federal (MPF), na ação impetrada pela CNA no Supremo Tribunal Federal (STF) no início do ano contra uma lei municipal que proibia o trânsito de cargas vivas nas proximidades do Porto de Santos (SP), reforça a preocupação da entidade com a edição de normativos que possam prejudicar o Brasil no cenário internacional.

Em abril o ministro Edson Fachin acatou o pedido da Confederação e suspendeu a norma municipal.

No documento, a PGR ressalta que é de competência exclusiva da União legislar sobre matérias de “direito agrário e agropecuário, comércio exterior, transporte e regime de portos” e ressalta que no país há “extensa regulação do transporte de animais vivos pelo Ministério da Agricultura”.

Em outro trecho, a Procuradora-Geral lembrou que na decisão liminar o ministro Edson Fachin, do STF, salientou que a União “já estabeleceu, à exaustão, diretrizes para a política agropecuária, o que inclui o transporte de animais vivos e sua fiscalização”, não podendo outro ente federado impor “restrição desproporcional ao direito dos empresários do agronegócio de realizarem a sua atividade”.

“Esta desproporcionalidade fica evidente quando se analisa o arcabouço normativo federal que norteia a matéria, tendo em vista a gama de instrumentos estabelecidos para garantir, de um lado, a qualidade dos produtos destinados ao consumo pela população e, de outro, a existência digna e a ausência de sofrimento dos animais, tanto no transporte quanto no seu abate”, complementa o documento.

Por último, o texto define o comércio de animais vivos destinados ao abate “é atividade lícita” e que a “Lei do Município de Santos também é materialmente inconstitucional por estabelecer restrição indevida e desproporcional ao direito individual de livre iniciativa”.

“O ato normativo municipal interferiu diretamente no modo de explorar e de administrar o comércio de animais vivos, especialmente no que toca ao comércio exterior”, conclui o parecer.

RUSIA: refutó información sobre posible reapertura de Brasil

15 de agosto de 2018 Rosselkhoznadzor informa que en la publicación publicada en Euromeatnews.com bajo el título "Rusia está esperando el levantamiento del embargo sobre las importaciones de carne de cerdo brasileña", hay información incorrecta

En particular, el mensaje contiene la siguiente declaración: "En agosto de 2014, Rusia impuso un embargo de alimentos a las importaciones de varios productos de varios países, países, incluida la importación de carne de Brasil").

Roselkhoznadzor considera que es necesario aclarar que se introdujeron las restricciones en el suministro a la Federación de Rusia de carne de vacuno y cerdo, carne de res y productos de cerdo de Brasil desde el 1 de diciembre de 2017, en relación con la detección de un producto importado en productos Rusia ractopamina - un estimulador del crecimiento muscular en los animales, que es una directa violación de los requisitos de la legislación en el ámbito de la seguridad alimentaria de la Federación de Rusia. Esta medida no está relacionada con la introducción de restricciones, establecida por el Decreto Presidencial del 6 de agosto, 2014 № 560 "Sobre la aplicación de determinadas medidas económicas especiales con el fin de garantizar la seguridad de la Federación Rusa", en respuesta a las sanciones económicas ilegales de varios países, entre los que Brasil no es entra.

Recordemos, en 2013, Rosselkhoznadzor lleva a cabo un extenso trabajo con el Ministerio de Agricultura, Ganadería y Abastecimiento de Brasil para la organización de la oferta de productos de origen animal, que satisface los requisitos de la legislación rusa en ausencia de la ractopamina en Rusia. El resultado de las negociaciones difíciles y adoptado por el lado brasileño fue tomada por el Ministerio de Agricultura, Ganadería y Abastecimiento de Brasil se comprometieron a entregar a Rusia sólo aquellos productos que están hechos de la carne de los animales en crecimiento que no se utilizó la ractopamina. Sin embargo, en 2017, el estimulante prohibido se identificó nuevamente en los productos cárnicos brasileños, lo que condujo a la introducción de las limitaciones anteriores.

Prorrogan plan de pago de deudas de Funrural

16/08/18 - por Equipe BeefPoint Pela quinta vez, o governo concordou em conceder mais prazo para produtores e empresas do agronegócio aderirem ao Refis criado em janeiro deste ano para parcelar dívidas com o Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural), que somam cerca de R\$ 17 bilhões, segundo a Receita Federal.

Ontem, comissão mista do Congresso aprovou relatório do senador governista Fernando Bezerra Coelho (MDB-PE) sobre a Medida Provisória 842, que renegocia diversas dívidas de pequenos produtores com



crédito rural, mas também estendeu até 31 de dezembro de 2018 a data para adesão ao programa de parcelamento desses débitos com o Funrural. Outra MP, a 834, que ainda está em vigor, havia estipulado o prazo de 30 de outubro.

Os plenários da Câmara e do Senado ainda precisam aprovar e o presidente Michel Temer sancionar o novo prazo para o Refis do Funrural, mas Bezerra disse que o governo já concordou com mais um adiamento. A proposta de conceder mais tempo para produtores partiu do deputado ruralista Jerônimo Goergen (PP-RS), que havia sugerido inicialmente um prazo ainda maior, de 27 de dezembro de 2019.

Com tantos adiamentos, a arrecadação da Receita Federal até hoje com o Programa de Regularização Tributária Rural (PRR), o chamado “Refis do Funrural”, é muito pequena de acordo com técnicos do órgão. O Fisco, porém, ainda não divulgou dados oficiais sobre o nível de adesão ao Refis.

Incremento en fletes impacta sobre la exportación

16/08/18 - por Equipe BeefPoint A tabela de preços mínimos para o frete estabelecida pelo governo após a paralisação dos caminhoneiros no fim de maio pode ser mais salgada do que se esperava para os exportadores de produtos agrícolas do país.

Estudo do Grupo de Pesquisa e Extensão em Logística Agroindustrial da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (Esalq-Log/USP) mostra que o aumento mínimo de custos esperado para o transporte dos produtos até os portos este ano, com a imposição da tabela, é de 70%, mas a alta pode chegar a 154% se o contratante também pagar o frete de retorno.

“Analisamos como foi o ano passado em termos de volumes exportados e como seria o custo com a tabela de fretes”, explica Thiago Péra, coordenador técnico do grupo. O estudo considera os embarques de soja, milho, farelo de soja e açúcar em 2017.

Um dos pontos da tabela que mais tira o sono dos exportadores é que o contratante do transporte terá de pagar o frete de retorno do caminhão vazio após o desembarque nos portos.

Conforme os cálculos do grupo da Esalq-Log, num cenário em que todos os caminhões voltassem vazios dos portos, o aumento de custos chegaria a R\$ 25,1 bilhões, o que representa alta de 154% sobre os valores de 2017. Sem o frete de retorno, o aumento dos custos ficaria ao redor de 70%, ou R\$ 11 bilhões.

Dentre os quatro produtos analisados, a soja, carro-chefe das exportações brasileiras, teria um incremento dos gastos com transporte da ordem de R\$ 13,8 bilhões, ou alta de 156% sobre os valores de 2017. O custo pode ser ainda maior para a oleaginosa, uma vez que a estimativa é que as exportações este ano sejam 8,6% maiores que em 2017.

O milho, por sua vez, teria aumento de R\$ 7,3 bilhões (alta de 166,3%) considerando o mesmo volume exportado em 2017. Para este ano, no entanto, a própria Conab já reduziu a projeção para os embarques em 3 milhões, para 27 milhões de toneladas, justamente por causa da alta do frete.

No caso do açúcar, segundo o estudo do grupo, o impacto seria de R\$ 2,1 bilhões (alta de 106,9%), e do farelo, de R\$ 1,9 bilhão (aumento de 167,6%).

Para fazer a análise, a Esalq-Log considerou os valores mínimos da Tabela de Frete da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT), incluindo tarifas de pedágios, impostos e margens, e aplicou-os aos volumes embarcados dos quatro produtos em 2017. A variação do custo com o diesel, combustível dos caminhões, também foi corrigida.

Segundo o estudo, o Estado mais afetado pela alta no custo de transporte da soja até os portos é Mato Grosso – principal produtor da oleaginosa. A elevação é estimada em R\$ 6,9 bilhões. No caso de Goiás, o aumento seria de R\$ 1,4 bilhão, e do Paraná, de R\$ 1,3 bilhão.

Ontem, Aurélio Pavinato, presidente da SCL Agrícola, uma das maiores produtoras de grãos do país, afirmou que a alta de custos em dólares do transporte não chega a ser tão significativo. “Os cálculos da SLC apontavam para aumento de 30% do frete em reais, mas, como exportadores, nos interessa o custo em dólares e não houve tanta mudança assim”, afirmou em teleconferência com analistas.

Na comparação com o mesmo período do ano passado, o real se desvalorizou cerca de 20% em relação ao dólar, para US\$ 3,9045.

Também no caso do milho, Mato Grosso é o mais afetado pelo aumento dos custos de transporte. O Estado é o maior produtor do cereal e deve registrar uma alta nos custos com frete de R\$ 5,3 bilhões, conforme os cálculos.

O estudo elaborado pela Esalq-Log também avaliou os custos com transporte rodoviário para a cadeia de adubos. O aumento com o transporte, em todo o país, do fertilizante intermediário – matéria-prima para a indústria – recebido nos portos até as misturadoras deve chegar a R\$ 2,3 bilhões, uma alta de 83,8% em relação a 2017.

Foco da atenção do agronegócio atualmente, a tabela de fretes mínimos ainda pode ser revertida. No dia 27 deste mês haverá audiência pública sobre o tema. Depois disso, o Supremo Tribunal Federal (STF) irá decidir sobre a constitucionalidade dos fretes mínimos.



Paraná solicitará antecipar la fecha para dejar de vacunar contra la AFTOSA

17/08/18 - por Equipe BeefPoint O Paraná deu mais um importante passo em busca do reconhecimento de Zona Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação. Na última segunda-feira (13), a governadora do Estado, Cida Borghetti, encaminhou ofício ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) pedindo a suspensão da vacinação contra a doença em maio de 2019. Desta forma, o novo status sanitário do Paraná seria reconhecido na Assembleia Geral da Organização Mundial de Saúde Animal (OIE), em Paris, em maio de 2021.

No documento, a governadora ratificou o compromisso de implementar as ações e metas previstas no Programa Nacional de Erradicação de Febre Aftosa (PNEFA) do Mapa. Esse plano dividiu o Brasil em cinco blocos regionais para a retirada gradual da vacina, sendo que o Paraná integra o Bloco V, com o Rio Grande do Sul, Santa Catarina (que já é área livre de febre aftosa sem vacinação), Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Esse bloco, de acordo com o cronograma estabelecido pelo PNEFA, só se tornaria livre da vacinação em 2023. Porém, o Paraná reúne condições de obter o reconhecimento antes.

“Encaminhamos ao ministro da Agricultura o ofício, que é uma tratativa para que a suspensão da vacinação no Estado possa ocorrer a partir de maio de 2019 e manifesta o compromisso de implantar as metas previstas no PNEFA. É preciso avançar nesta discussão tão importante. O setor é de extrema importância para que possamos construir de forma madura, transparente e que atenda as demandas do setor para obtermos o reconhecimento da OIE”, destacou a governadora do Estado.

Auditoria realizada pelo Mapa, em janeiro, confirmou que o Estado reúne condições, considerando os programas, estrutura, capacidades técnica, financeira e administrativa do serviço de vigilância da sanidade agropecuária, para suspender a vacinação a partir de março de 2019 e obter o reconhecimento de Zona Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação pelo Mapa em 2020 e junto à OIE em 2021.

“Fazer parte do Bloco V para retirar a vacina não é estratégico para os produtores paranaenses, pois o Estado já tem todas as condições técnicas para isso. O pleito da FAEP e outras tantas entidades do setor é que o Paraná siga, de forma independente, o mesmo cronograma do Bloco I, que seria reconhecido como área livre da doença sem vacinação em 2021”, destaca o presidente do Sistema FAEP/SENAR-PR, Ágide Meneguette.

O reconhecimento como Zona Livre de Febre Aftosa Sem Vacinação colocará o Paraná em outro patamar global como fornecedor de proteínas animais. A partir da conquista deste novo status sanitário, o Estado poderá buscar novos mercados que pagam mais pela qualidade da carne.

Apesar da espécie vacinada contra a febre aftosa ser a bovina, os impactos se refletirão em todas as cadeias de proteínas animal e vegetal, principalmente na avicultura e suinocultura, atividades nas quais o Paraná é tido como referência nacional e mundial na produção, tanto na qualidade como na quantidade.

Huelga de camioneros y restricciones impuestas por los mercados perjudicaron a empresas brasileñas

17/08/18 - por Equipe BeefPoint s principais empresas do País no setor de carnes tiveram um segundo trimestre difícil. A temporada de divulgação de balanços aponta que, juntas, Marfrig, JBS, BRF e Minerva terminaram junho no vermelho, e o prejuízo líquido dessas quatro empresas é de quase R\$ 4 bilhões. Problemas internos, dificuldades para exportar e a greve dos caminhoneiros, que parou o País, são apontados como os principais motivos.

As companhias que atuam na produção de aves e de suínos foram as mais prejudicadas pela paralisação de maio. A Seara indicou em seu balanço financeiro um prejuízo de R\$ 113 milhões no segundo trimestre. A BRF outros R\$ 75 milhões.

“As empresas dependem do traslado de insumos e de produção. O transporte do País gera perdas quando funciona, imagina ficando onze dias parado?”, diz Álvaro Frasson, da Spinelli. Sem transporte, as empresas não conseguiam escoar a produção e nem receber insumos e rações. A Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) estimou um prejuízo de R\$ 3,15 bilhões a todo o setor de aves, suínos, ovos e material genético, após a manifestação.

As perdas com a falta de transporte podem ter sido maiores, pois há dificuldade de mensurar a queda de rendimento dos animais no período, sinalizou um dos vice-presidentes da BRF, Lorival Luz, em teleconferência. Segundo a JBS, controladora da Seara, unidades precisaram descartar animais ou reduzir a alimentação e, por consequência, a produtividade caiu.

O mercado de bovinos foi menos afetado pela greve, mas os abates caíram. A Marfrig estima ter deixado de abater 80 mil cabeças no segundo trimestre. O prejuízo líquido foi de R\$ 582 milhões no trimestre.

Inferno Astral. Os resultados negativos, além da greve dos caminhoneiros, são resultado de uma combinação de fatores internos e externos. Algumas dessas empresas sofrem com embargos para exportação de seus produtos ou ainda precisaram lidar com trocas em seu alto escalão.

A BRF, por exemplo, conseguiu vender mais no segundo trimestre e registrou uma receita líquida de R\$ 8,2 bilhões, alta de 1,9% ante o segundo trimestre de 2017. Ainda assim, a empresa teve um prejuízo líquido de R\$ 1,6 bilhão no segundo trimestre, 846,4% maior do que o registrado um ano antes.



O mau desempenho foi atribuído às restrições impostas pelo mercado europeu, greve dos caminhoneiros e medidas antidumping da China. A empresa também foi alvo de duas operações da Polícia Federal: a Carne Fraca, deflagrada em março do ano passado, e a Trapaça.

Em crise, a gigante brasileira dos frangos anunciou uma reestruturação de operações e financeira, que está sendo conduzida pelo executivo Pedro Parente, ex-Petrobrás, atualmente no comando executivo da BRF.

Já na Seara, da JBS, o volume de vendas caiu 10,6%, após uma queda nas exportações. A greve dos caminhoneiros travou os embarques, mas a Seara também foi prejudicada pelo fechamento do mercado russo para a carne suína brasileira. A JBS teve prejuízo de R\$ 911 milhões.

As quatro principais companhias de proteína animal do País também foram afetadas pela alta nos custos de produção, por causa da alta nos preços do milho, usado para fabricar ração, além da variação cambial. A Minerva, por exemplo, teve prejuízo de quase R\$ 1 bilhão afetada pela variação cambial e estuda fazer uma Oferta Pública Inicial de ações (IPO, na sigla em inglês) de uma subsidiária no Chile, em busca de oportunidades de investimento.

As empresas do setor de alimentos foram as que mais perderam valor de mercado na Bolsa com a greve dos caminhoneiros – depois do setor de petróleo. No total, as empresas brasileiras listadas na Bolsa valem hoje R\$170 bilhões a menos do que antes da greve, segundo a Econômica.

Fonte: Estadão.

URUGUAY

Se terminó la fiesta del ganado gordo: hasta diez centavos de dólar menos que la semana pasada por los mejores novillos

POR Blasina & Asociados Agosto 17, 2018 La semana cierra con un cambio de tendencia en el mercado del ganado gordo. La demanda industrial se retrajo, ajustando los valores y en algunos casos, con plantas que no están pasando precios.

Los mejores novillos con destino a exportación -que la semana pasada acariciaban los US\$ 3,60 por kilo- esta semana tienen un techo de US\$ 3,45. La industria está mejor posicionada con una nueva ventana de ingreso de ganados de corral con destino a cuota 481, de negocios pactados con anterioridad.

Las entradas a planta en general se han alargado, algunas con ingresos para principios de setiembre.

La vaca gorda resiste más que el novillo, con negocios que lograron mantenerse entre US\$ 3,15 y US\$ US\$ 3,20 en la mayoría de los negocios.

También resistieron los terneros en los remates por pantalla esta semana. El ajuste de valores fue leve pese a los temores sobre posibles dificultades en las colocaciones de ganado en pie por la crisis de la moneda turca. En Lote 21 los terneros promediaron US\$ 2,14, apenas tres centavos por debajo que el mes anterior cuando se ubicaron en US\$ 2,17. Y en el remate de Plaza Rural promediaron US\$ 2,10, 1,73% debajo de los US\$ 2,14 del remate anterior. Los novillos de 1 a 2 quedaron prácticamente sin cambios, con una baja marginal de 0,7% a un promedio de US\$1,80.

La faena de la semana pasada dio un salto. Del 5 al 11 de agosto totalizó 45.170 cabezas, 8,4% por encima de las 41.670 de la semana anterior y 12% más que en la misma semana de 2017 cuando se faenaron 40.391. Los novillos lideraron la faena y por segunda semana consecutiva superaron a la participación de vacas.

Otro dato relevante de esta semana fue el de Novillo Tipo, publicado por INAC. El índice bajó 3,3% en julio frente a junio. Y la participación del Valor Agregado Industrial sobre el Valor del Novillo Tipo bajó a 19% frente al 23% de junio.

El margen de la industria el mes pasado fue de US\$ 219 por cabeza, el más bajo desde agosto de 2015.

Con buenos verdes y praderas de la mano del buen tiempo, los ganados han repuntado, y se viene un aumento más marcado de la oferta, consideraron operadores consultados.

Cayó el precio de exportación para carne vacuna y ovina.

El precio de exportación de carne vacuna no resistió arriba de US\$ 3.500, con uno de los promedios semanales más bajos del año. Fue la semana del 2018 en que se exportó menor volumen de carne vacuna, con 5.482 toneladas.

El ingreso promedio por tonelada entre el 5 y el 11 de agosto se ubicó en US\$ 3.329, después de cinco semanas consecutivas arriba de US\$ 3.500. El promedio en lo que va del año, sin embargo, se mantiene 5,6% por encima que en mismo periodo de 2017.

Para la exportación de carne ovina los datos semanales también fueron negativos.

Se enviará al exterior solamente cinco toneladas, el menor volumen del año.

Y el valor promedio fue también el más bajo del año, con US\$ 3.551 por tonelada.

Pese al tropiezo semanal, en lo que va del 2018 la carne ovina ha mostrado un buen desempeño, con un ingreso medio acumulado de US\$ 4.577 por tonelada, 12,9% más que en mismo periodo del año pasado.



La participación de la industria en el valor del novillo tipo es la más baja en tres años

16 de agosto de 2018 En julio la participación del Valor Agregado Industrial sobre el Valor del Novillo Tipo bajó a 19% frente al 23% de junio. El margen de la industria el pasado mes fue de US\$ 219 por cabeza y se consolidó como el más bajo desde agosto de 2015.

En los primeros siete meses del año la participación promedio fue de 24%, contra el 27% de igual período de 2017.

Gonzalo Ducós, coordinador ganadero de Fucrea dijo que la industria está relegando margen con elevadas faenas lo que provoca que las relaciones flaco/gordo estén en mínimos en tres años dadas por un aumento en el precio del novillo gordo que no es sostenible.

El Índice del Novillo Tipo de INAC bajó 3,3% en julio frente a junio llegando a US\$ 1.143 por cabeza. El incremento respecto a julio del año pasado fue del 3%. "La caída en el valor del novillo tipo se explica por una disminución en el valor de los cortes de exportación, de la canal al mercado interno y del precio del cuero fresco. El valor de las menudencias y subproductos verificó un leve incremento", señaló el informe.

Devaluación en Turquía pone en jaque a la exportación en pie

Agosto 17, 2018 La firmeza del novillo alienta a la invernada

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

La mejora gradual pero sostenida en los precios de la hacienda gorda tiene como consecuencia una mayor competencia entre la invernada y la exportación en pie. Sumado a esto, el desplome de la divisa nacional turca frente al dólar estadounidense genera preocupación en los operadores de ventas de ganado en pie ya que podría complicar los futuros negocios mediante ajustes en el precio del ternero.

Turquía es por lejos el principal comprador de ganado vivo uruguayo. En los últimos 12 meses a julio, Uruguay exportó un récord de 441.944 cabezas y el 89% (393.905 animales) se enviaron a este destino.

Pero, ¿Qué pasa con los negocios futuros de exportación en pie con la devaluación de la lira frente al dólar estadounidense?

Rodrigo González, presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie y director de la empresa Escoltix dijo que "en este momento el negocio con Turquía no existe más. Es imposible venderles ganado. Con la lira turca con el máximo que ha alcanzado, el ternero tiene que valer US\$ 1,50, pero por más que esté ese precio dado o precios inferiores no se hacen negocios".

Fuentes vinculadas a la exportación indicaron que Turquía intenta renegociar y propone valores inferiores a los que estaba comprando.

Los valores que se ofrecen para el ternero se ubican entre US\$ 1,80 y US\$ 1,90 por kilo en pie pero los productores no han convalidado en estos valores.

A pesar de esto, en el remate de Lote21 del martes los terneros mostraron un ajuste moderado, el promedio fue de US\$ 2,14 tres centavos menos que el promedio del remate anterior. Con un máximo de US\$ 2,54 por un lote de terneros livianos y un mínimo de US\$ 1,90. Los novillos de uno a dos años mostraron una caída más importante pero fueron solo dos lotes de alto peso, lo que relativiza la baja de 4,7%. Y los invernadores se mostraron firmes a la hora de comprar vacas para engordar.

Las vacas de invernada, ajenas al comercio en pie y un negocio de corto plazo para el invernador, superaron los US\$ 1,30 largamente y alcanzaron su mayor cotización desde 2015.

En cambio las categorías más vinculadas a la cría y por lo tanto más vinculadas a las ventas en pie y a negocios de largo plazo tuvieron descensos importantes: todas las categorías de vaquillonas, vacas preñadas y piezas de cría tuvieron descensos. La cría en alerta, la invernada de corto plazo apostando a los buenos precios del gordo.

Una eventual moderación del precio del ternero revitalizaría a un negocio de engorde que está apostando a la eficiencia en la incorporación de kilos y dando grano como nunca antes.

El posible ajuste en el precio del ternero y la firmeza que mantiene el novillo gordo generan un contexto favorable para el invernador.

En la actualidad, la relación de reposición (cociente entre el precio del kilo de ternero y el de novillo gordo) están en mínimos en tres años, sobre 1,10, es decir que el sobre precio del ternero es apenas 10% respecto al del ganado para faena.

De acuerdo a las referencias de la Asociación de Consignatarios de Ganado, el precio del ternero de 140 a 180 kilos promedió US\$ 2,16, en tanto que el ganado gordo especial de exportación tiene su referencia en pie a US\$ 1,96. Apenas 10% de diferencia.

El novillo gordo en cuarta balanza, tras haber tocado un mínimo en abril de 2017 de US\$ 2,76 por kilo ha venido en gradual recuperación hasta los niveles actuales. Subió en la pasada por cuarta semana consecutiva y alcanzó los US\$ 3,52 por kilo, el mayor valor desde setiembre de 2015. En pie, los US\$ 1,96, están 10% por encima que los US\$ 1,79 de igual semana del año pasado y también el máximo en tres años.



El 10% de diferencia se aproxima por primera vez a las relaciones de precios que pueden considerarse normales.

En 2016 alcanzó picos históricos de 1,45 que volvían casi imposible el comprar terneros para engordar. Se mantuvo en valores relativamente altos aunque con una tendencia a la baja durante el 2017 que fue cambiando gradualmente el panorama para 2018.

En efecto, este año la relación de reposición empezó en 1,29 en enero hasta llegar al 1,10 actual. Si la crisis turca genera una presión bajista en el ternero la relación puede volverse todavía más favorable al invernador, que puede volver a ser tras casi cinco años, quien marque el precio mínimo de los terneros y puede eventualmente las ofertas que lleguen de Turquía.

Mientras, el novillo de 1 a 2 años -al igual que el ternero- se mantiene estable. En julio promedió US\$ 1,81 por kilo en pie y a partir de abril, por primera vez desde al menos 2010, el novillo gordo en pie se ubicó por encima del precio del novillo de 1 a 2 años.

Esta diferencia se acentúa en julio y lo que va de agosto y se abre una brecha de 7%, lo que se presenta como una oportunidad para los invernadores.

Gonzalo Ducós, coordinador ganadero de Fucrea dijo que las relaciones flaco/gordo que vemos hoy están dadas por el aumento del precio del gordo y no por una baja de la reposición. "La modificación de las relaciones de reposición de dos años atrás a hoy se da por un incremento del valor del gordo, con una industria que está relegando margen con elevadas faenas lo que provoca que las relaciones flaco/gordo estén en mínimos en tres años, pero no se sabe hasta cuándo la industria va a sostener esta situación".

"Si la exportación en pie merma y baja el precio del ternero, el invernador va a tener una oportunidad pero va a ser una oportunidad fugaz porque la industria si eso sucede va a ajustar el precio del gordo. Con una primavera por delante, no creo que la reposición tenga una baja sustancial y ojalá eso no suceda porque el que se va a ver perjudicado es el criador".

Desde el lado del precio del gordo, la demanda internacional continúa muy firme y no da ninguna señal de opacarse. Y por el lado del precio del ternero se podría esperar un ajuste si la exportación en pie se vuelve más cautelosa.

El mercado puede marcar nuevos equilibrios y si la lira no se recupera se abren dos escenarios: el aumento en la exportación en pie a otros destinos como Egipto o una baja leve con los invernadores comprando a precios levemente menores a los actuales pero aceptables para los criadores ya que durante la primavera la abundancia forrajera será el sostén de los precios.

Si se sostiene el impulso para criar aún sin Turquía tan activamente compradora, la industria volvería a quedar en condiciones de captar a la mayoría de los terneros y novillitos producidos localmente.

La lira turca alcanza su mínimo histórico

La moneda nacional turca está en caída libre. En el año el tipo de cambio se ha devaluado un 65% y en lo que va de agosto ya perdió un 35%. El desplome de la lira se intensificó el lunes 13 cuando alcanzó picos de 7 frente al dólar estadounidense, superando al peso argentino como la moneda que peor desempeño tuvo en 2018.

Desde entonces ha logrado una frágil estabilidad, pero que suma una depreciación de cerca de 80% en lo que va del año y una inflación de cerca de 100%. El presidente turco, Tayip Erdogan, luego de reelecto marcó el inicio del nuevo mandato poniendo a su yerno, Berat Albayrak a cargo de la economía del país. Su nombramiento ayudó a provocar una fuerte caída de la lira.

A su vez, la tensión entre Estados Unidos y Turquía se disparó cuando Washington decidió imponer a Ankara sanciones como la congelación de sus activos en EEUU y la prohibición de llevar a cabo transacciones dos ministros del gobierno turco por la detención del pastor protestante norteamericano Andrew Brunson.

Luego, la Casa Blanca redobló su apuesta al anunciar que duplicará los aranceles al acero (hasta el 50%) y el aluminio (20%) procedente de ese país, lo que terminó de desplomar la divisa hasta mínimos históricos frente al dólar. Otra guerra comercial que genera cambios de precios relativos en el agro uruguayo, la soja al son de la guerra comercial de Estados Unidos con China, los precios del ternero y los resultados de la ganadería vacuna danzan al son de la lira turca.

Uruguay está más cerca de exportar carne a Japón

17/08/2018 - Resta una revisión técnica de la información uruguaya y definiciones políticas para la habilitación del mercado.

La apertura del mercado japonés para la carne bovina desosada y madurada uruguaya parece estar cada vez más cerca, un destino que genera muchas expectativas pese a la carga arancelaria de ingreso del 38,5%.

El Ceo de Negocios de Grupo Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco, dijo a Rurales El País que Uruguay "devolvió la documentación que fue enviada desde el país asiático como modelo".



Ahora Japón “deberá realizar una revisión técnica de esa información”, para después “definir políticamente si el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca queda habilitado para prelistar las industrias frigoríficas o habrá una nueva inspección en Uruguay”, contó.

Una vez finalizas estas instancias, Uruguay quedaría habilitado para reiniciar las ventas al mercado, tras su cierre a comienzos del 2000 por el ingreso de la fiebre aftosa a la región. Al momento, Uruguay solo puede enviar carne cocida y productos termoprocesados.

Exportaciones de carne uruguaya suben un 7% en primeros siete meses de 2018

Agosto 13, 2018 Entre el 1° de enero y el 4 de agosto de 2018, las exportaciones de carne sumaron un total de US\$ 1.169.476

Las exportaciones de carne uruguaya entre el 1° de enero y el 4 de agosto de 2018 aumentaron un 7% en comparación con el mismo período del año anterior y sumaron un total de US\$ 1.169.476, según informaron fuentes oficiales.

A partir de un informe del Instituto Nacional de Carnes (INAC) divulgado el pasado viernes 10, las divisas generadas corresponden a las exportaciones de carnes, menudencias, productos y subproductos del sector que tiene a China y la Unión Europea como principales destinos.

Con un 42,4% del volumen total, las ventas a China alcanzaron la cifra de US\$ 496 millones.

En segundo lugar se ubicó la Unión Europea (UE) con un 19,3% (US\$ 226 millones) seguida por el Tratado de Libre Comercio de América del Norte (TLCAN), con un 14% (US\$ 164 millones).

Lea también: En el último año ingresaron al país US\$ 322 millones por exportaciones del rubro ovino

La carne bovina supuso el 82,92% del valor total de las exportaciones y casi el 60% del volumen, con un precio promedio de US\$ 3.578 por tonelada. Presentó un aumento de un 6% respecto al ingreso de divisas, que alcanzó los US\$ 970 millones.

También hubo un incremento de un 0,4 % en cuanto al volumen, totalizando 271.211 toneladas cuyo el 79% tuvo como destino China, TLCAN y Unión Europea (UE).

Mientras tanto, la carne ovina supuso el 3,02% de las ventas al extranjero, las menudencias el 5,72% y el restante correspondió a productos de cerdo, aves y otros.

Para los productos ovinos, que tienen como principales compradores el Mercosur (52%), China (24%) y UE (7%), las divisas aumentaron un 13 % y llegaron a US\$ 35 millones, mientras que las ventas descendieron un 0,3% respecto al volumen, que alcanzó 7.718 toneladas

Consultora australiana realizó informe sobre cadena cárnica uruguaya

16 de agosto de 2018 Una consultora australiana realizó un informe sobre la cadena cárnica uruguaya, encomendado por el Instituto Nacional de la Carnes (INAC).

El estudio fue presentado el lunes pasado en la junta directiva del instituto. Allí se presentó un diagnóstico de la cadena y recomendaciones, señaló a Tiempo de Cambio de radio Rural, Emilio Mangarelli. “Es un muy buen insumo para trabajar”, apuntó.

“Una persona de afuera no les puede decir cómo tienen que resolver los problemas de la cadena cárnica”, dijo en la junta el especialista australiano que encabezó del estudio, contó Mangarelli.

Dentro de varios otros puntos, el informe hace mención a la extracción ganadera. Y la exportación en pie entra en el cálculo.

Sobre ganado pie, luego de que cada gremial presentara en junta un informe con su posición, se entregó un documento que recoge las posiciones de todas las agremiaciones para seguir trabajando sobre el tema, dijo Mangarelli.

Además de la presentación de este estudio realizado por la consultora australiana, y haberse tocado el tema exportación en pie, en junta fue recibida la recién designada embajadora de Vietnam, Rosario Portell, quien se manifestó afín a desarrollar el trabajo público-privado para impulsar a Uruguay en ese mercado.

Wagyu: la carne más cara del mundo que ya se produce y se consume en Uruguay

Por Maximiliano Montautti

Agosto 14, 2018 Los cortes vacunos tienen un precio promedio de \$ 1.300 y la tonelada de exportación supera los US\$ 45 mil

Es originaria de Japón y durante cientos de años su forma de producción fue un secreto nacional. Su ternera y marmoleo colocan a esta carne en el primer lugar del podio frente a cualquier otra y también sus cortes son los más caros del mundo. En Europa es elegida por los más selectos consumidores, que deben estar dispuestos a pagar un buen puñado de euros para degustarla en algún restorán. En Uruguay, quienes la prefieren deben desembolsar al menos \$ 1.000 por un kilo. Es el Wagyu, que se está haciendo su lugar en el mercado local.



Su salida al mundo se dio hace pocas décadas, cuando Japón hizo una exportación mínima de ganado en pie hacia Estados Unidos. Australia fue el segundo país que se interesó en el Wagyu y compró parte de los animales que habían llegado a Norteamérica. Allí comenzó a desarrollarse la genética y el producto final fuera de Japón y la carne logró éxito hasta convertirse en una tendencia a nivel internacional.

"El valor que tiene el Wagyu es el marmoleo, la grasa intramuscular, que genera un sabor y una terneza totalmente diferente a cualquier otro tipo de carne", indicó a El Observador Martín Rogberg, propietario de Cabaña El Oriental, uno de los establecimientos uruguayos que se dedica a la producción de esta raza.

Aquellos que lo han probado aseguran que es diferente, incluso a cortes especiales como los de feedlot. "Comés un asado de feedlot, que también tiene grasa intramuscular y es tierno y rico, pero el tipo de grasa de Wagyu es diferente y eso convierte a la carne en hiper tierna y riquísima", complementó Juan Martín Aishemberg, uno de los titulares de la empresa Carne Wagyu del Uruguay, que también desarrolla este tipo de ganado.

Pero lo bueno, dicen, sale caro.

La boutique de carnes Beef House comercializa cortes de Wagyu. El precio promedio por kilo es de entre \$ 1.300 y \$ 1.400.

"Es una carne cara, hay público que lo puede pagar y otro que también puede hacerlo pero no le interesa; por suerte (en el caso de Beef House) hay un público que es asiduo al producto, viene todas las semanas a buscar esa carne; es como un ritual", dijo a El Observador el dueño del establecimiento, Juan Arechavaleta.

Indicó que además de compradores locales también hay otros extranjeros que residen en el país. Como ejemplo, señaló que una joven compra semanalmente varios cortes de lomo o bife angosto. La carne también es elegida por varios residentes brasileños. La oferta incluye pulpón, colita de cuadril o asado.

"Como en el resto, siempre va en el gusto del consumidor, es un producto relativamente nuevo, hay gente a la que le gusta y otras que no por la cantidad de grasa que tiene", explicó Arechavaleta.

Rogberg, junto a su hermano, forma parte de la cuarta generación de cabañeros de ganado. Su bisabuelo se dedicó a la producción de Angus, su abuelo a esa misma raza y al Hereford, al igual que su padre. Sin embargo, él se dedicó al Wagyu. "Con mi hermano buscamos apostar a la máxima calidad y en carnes, sin duda, lo que más se valoriza es la de Wagyu", dijo.

Hace 12 años que está vinculado a esa raza, que aún hoy en día se cataloga en Japón como tesoro nacional. En 2006 importaron embriones de Wagyu puro desde Australia. Hoy ya tienen más de 100 hembras puras.

La primera parte de la producción es la cruce. Se toma una hembra Angus y embriones Wagyu. De allí salen animales que se denominan media sangre. Luego se continúa el proceso productivo de cruce y va aumentando el porcentaje de pureza Wagyu del animal. Cuando llega al 100% se denomina "full blood"; en porcentajes menores es "pure blood". Un aspecto fundamental para este ganado es la alimentación. Los animales pasan entre 300 a 400 días en corral y al igual que el ganado feedlot su alimentación es en base a granos.

La empresa de Aishemberg se fundó en 2003 en alianza con la compañía Australian Wagyu Alliance (AWA) y desarrollan y gestionan el "programa Wagyu" para la exportación de carne hacia diversos mercados. Hace cinco años el proyecto cobró fuerza. El programa abarca desde la inseminación a cargo de un grupo de productores, la cría en el corral que la realizan otros hasta la obtención del producto final.

La empresa gerencia todo el proceso productivo. "¿Cuál es la ventaja para que un criador haga Wagyu? Que van a pagarle más. Y al recriador también. Se trata de dar valor agregado a toda la cadena productiva", explicó el empresario.

Tanto Carnes Wagyu del Uruguay como Cabaña El Oriental apuestan a la exportación de productos de calidad. "Un restorán en Europa vende un bife de corte Wagyu a US\$ 300, pero es algo novedoso y una tendencia a nivel mundial", expresó Aishemberg.

"No tenemos que ir a lo masivo, hay que ir hacia la calidad y saber que lo que uno está produciendo lo van a comer en los mejores restoranes de Europa", sostuvo.

En la exportación también se nota la diferencia de precio. Rogberg ejemplificó que una tonelada de entrecot Angus de feedlot vale entre US\$ 15 mil a US\$ 20 mil. Una tonelada de entrecot de Wagyu tiene un precio mínimo de US\$ 45 mil. Y por eso, aunque los productores saben que llegar a la calidad necesaria para acceder a esos mercados no es fácil, aceptan el desafío.

"Si fuera simple, en el mundo habría bastante más Wagyu del que hay y el precio sería mucho más barato", aseguró Rogberg.

La cabaña del empresario, tiene acuerdo con un frigorífico mediante el cual se faenan 150 animales por mes desde hace tres años. La carne se coloca en en China, Rusia, México y Estados Unidos. Carne Wagyu del Uruguay, en tanto, envía la carne hacia Europa.

Ingreso japonés en Argentina



La carne de Wagyu llegó a Argentina tras un acuerdo de apertura de mercados con Japón. El paso inicial lo dio Argentina semanas atrás, con el envío de 200 kilos de carne patagónica hacia el país asiático, por primera vez en 120 años de relaciones diplomáticas bilaterales.

Ahora, la alianza gastronómica se formaliza con la apertura del mercado para la importación de carne Wagyu, "La carne japonesa es totalmente diferente a la carne argentina, es otro producto, otro sabor", manifestó el embajador de Japón en la Argentina, Noriteru Fukushima,

"Las primeras importaciones serán para consumo de restaurantes y hoteles, y seguramente en un par de años podremos ver estos cortes en los supermercados", añadió el diplomático, según consignó el medio argentino El Cronista.

El desplome de la lira turca frena la exportación de ganado en pie

Agosto 13, 2018 Al productor turco hoy el negocio no le cierra por ningún lado y el precio del ternero se pincha en Uruguay

En un escenario de tensión con Estados Unidos, la lira turca sufre una fuerte devaluación que afecta a todo mercado que tenga negocios con ese país incluida la exportación en pie desde Uruguay.

Según datos de la consultora Cibils Soto, Turquía es el quinto destino de las exportaciones de Uruguay. De enero a julio de 2018, los envíos a ese mercado totalizaron US\$ 152 millones y el 83% de lo exportado fue ganado en pie.

Rodrigo González, presidente de la Unión de Exportadores de Ganado en Pie, dijo a El Observador que son temas económicos que escapan del negocio. "Es una guerra económica y estamos totalmente por fuera", expresó. Agregó que para poder retomar la fluidez en los negocios de exportación, primero, la lira tiene que parar de caer, que retome su estabilidad y después se tienen que corregir los precios internos de las materias primas. Luego de esto, las empresas deben hacer sus cuentas nuevamente.

"Nadie puede negociar con una moneda en continuo movimiento. Es imposible porque hoy cerras un negocio y a los 15 minutos ya no sirve más", dijo. En ese sentido, indicó que es un negocio "bastante ajustado" en términos de ganancia para todas las partes. "No tienen como decidir nada si su moneda oscila un 10% para arriba y para abajo todos los días. Hoy no tienen como hacer nada", explicó.

En tanto, aseguró que hay una total y absoluta cautela y que el productor turco hoy pierde dinero. "Si hoy el mira el negocio no le cierra por ningún lado", aseguró.

Por su parte, Christopher Brown, director de Agro Oriental, declaró al programa Valor Agregado de Carve que el mercado está bastante paralizado y que las empresas exportadoras han sacado el interés de compra de los terneros.

En el marco de la situación que vive Turquía señaló que hay empresas que plantean valores nuevos y otras que han frenado la comercialización por estas semanas. "Observamos un mercado que está con un signo de interrogación grande, viendo qué pasa semana a semana", apuntó.

Brown resaltó que se pasó de un ternero firme que cotizaba US\$ 2,15 el kilo en pie en un mercado fluido, a un ternero en el entorno de los US\$ 1,80 o US\$ 1,90 el kilo. "Es un balde de agua fría para los productores", dijo. Además, señaló que no se han concretado negocios a esos valores que han sido pasados por muy pocas empresas.

14/08/2018 Devaluación de la moneda turca influye en los precios.

La devaluación de la moneda turca ha "paralizado" el mercado y las empresas exportadoras han "sacado el interés de compra" de los terneros, comentó a Rurales El País Christopher Brown, director de Agro Oriental.

Aseguró que algunas empresas frenaron las compras para esperar cómo se comporta la lira, mientras otras están proponiendo nuevos valores que no son validados por los productores.

Los precios ofrecidos rondan los US\$ 1,80 a US\$ 1,90 por kilo de ternero al pie, explicó Brown. Antes del "drástico" cambio de la moneda se estaban comprando animales en US\$ 2,15.

En la actualidad la moneda turca cotiza 6,38 por dólar, cuando a principios del año el valor era de 3,78 Liras por dólar.

Aíslan 100 cepas de tuberculosis de bovinos

11/08/2018 - Proyecto científico de Servicios Ganaderos muestra cómo se mueve enfermedad en el rodeo.

Uruguay logró aislar 100 cepas de tuberculosis bovina que están actuando en todo el país, fueron caracterizadas genéticamente y se vio cómo están distribuidas a lo largo del territorio.

"Es un trabajo nuevo en Uruguay y en la región no hay mucha más información salvo algo en Brasil y Argentina, pero tampoco es representativo de todo el país", explicó a El País Álvaro Nuñez, titular de la Dirección de Laboratorio "Miguel C. Rubino", el laboratorio del MGAP que es referencia en cuanto a diagnósticos y análisis.



El jerarca mostró los adelantos de un proyecto científico que impulsa la Dirección General de Servicios Ganaderos. Los resultados los brindó en el marco de una charla en el Instituto Pasteur Montevideo, titulada “Tuberculosis bovina. Diagnóstico y situación actual”.

El trabajo presentado en el marco del proyecto abarca todos los casos de la enfermedad, desde la aparición de dos o tres animales en el predio hasta la llegada de los megatambos a la lechería uruguaya, donde comenzaron a surgir cientos de positivos al juntar animales de diversos orígenes.

El titular de la Dilave explicó que “la caracterización de las cepas de tuberculosis bovina, conjuntamente con el estudio de los movimientos y otras herramientas, permitir ir viendo cómo se va distribuyendo la enfermedad, si tiene algún patrón o si es como pasa en Irlanda, donde la fauna ayuda a transmitirla”. En Irlanda hay un problema muy grande con el tejón (animal salvaje) donde está comprobado que participa mucho en la distribución de enfermedad e incluso se está sacrificando para parar la tuberculosis, porque es un huésped intermediario que resulta imposible de controlar.

Núñez explicó también que el aislamiento de cepas que se hizo en Uruguay, en el marco del proyecto, mostró que “todas las cepas de tuberculosis bovina están emparentadas con la cepa de diagnóstico, la cepa patrón que comúnmente se usa para hacer el test de la tuberculina, tanto acá como en el resto del mundo”. No son cepas nuevas, sino que hace mucho que están presente en Uruguay.

Si bien a nivel país la prevalencia de la tuberculosis bovina es similar a la de años anteriores, es una zoonosis y esa es la mayor preocupación de los Servicios Ganaderos. “La preocupación es buscar herramientas de diagnóstico que puedan tener impacto en la campaña, porque es un problema a nivel de la salud pública. Como enfermedad nos preocupa”, afirmó el director de la Dilave “Miguel C. Rubino”.

Herramientas. En el marco del proyecto de referencia que impulsan los Servicios Ganaderos del MGAP, también se probaron nuevas herramientas de diagnóstico de la enfermedad.

“Lo más importante a resaltar es que, de las nuevas herramientas que se usaron, ninguna fue lo suficientemente fuerte en los resultados como para poderla incorporar en la campaña para el diagnóstico y sustituir a las herramientas que hay hoy día”, dijo Núñez. Lo que se usa en Uruguay en todo el mundo para detectar la enfermedad es la prueba de la tuberculina.

Esta prueba consiste en la inoculación de un antígeno, la PPD (derivado proteico purificado) en forma intradérmica a un animal, con el objeto de poder establecer si fue infectado por el agente causante de la enfermedad.

En el proyecto se utilizó otra prueba que “busca en la misma calidad de la respuesta inmunitaria a nivel in vitro, el test se conoce como interferon gamma y que en muchos países ya está siendo usado. En otros países mostró resultados discutidos, como en los casos nuestros, donde hay que seguir profundizando en los resultados para ver si justifica cambiar una herramienta barata y tan difundida, por una herramienta más cara”, agregó Núñez. La tuberculina es la prueba más usada y por la masificación que tiene a nivel de los veterinarios, funciona muy bien y es de costo bajo, permitiendo detectar la enfermedad. “Los test nuevos en Estados Unidos, que se hacen en laboratorios privados, cuestan alrededor de US\$ 40 por animal”, destacó Núñez y resulta un platal.

PARAGUAY

Rusos estarán en dos frigoríficos

13 DE AGOSTO DE 2018

Desde hoy, técnicos sanitarios de la Federación Rusa harán inspección de los frigoríficos Frigochaco y Frigonorte, plantas industrializadoras de carne que habían sido suspendidas por el citado país debido a que fueron detectados restos del antibiótico oxitetraciclina en carne paraguaya enviada a ese mercado.

Rusos indagan tema carne

El director del Servicio Federal de Supervisión Veterinaria y Fitosanitaria de la Federación Rusa, Sergey Dankvert, mantendrá una reunión con autoridades nacionales para abordar el tema de la exportación de carne a ese país. En tanto que desde ayer técnicos sanitarios rusos iniciaron la verificación de los frigoríficos Frigochaco y Frigonorte.

La reunión se hará el jueves próximo entre el funcionario ruso, el ministro de Agricultura y Ganadería, sería Denis Lichi, y el actual presidente del Senacsa (Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal), Fredis Estigarribia.

En la ocasión analizarán la situación comercial de carne paraguaya a Rusia y los inconvenientes que surgieron en los últimos meses con la suspensión de algunas plantas frigoríficas para enviar carne a Rusia.

En el caso de los frigoríficos Frigochaco y Frigonorte, la suspensión de exportación de carne se dio a finales de junio pasado, debido a que entre la carne bovina procedente de nuestro país autoridades sanitaria rusas encontraron restos de antibiótico oxitetraciclina.



El Senacsa aclaró que el antibiótico no está prohibido, solo que se debió aplicar al animal tres meses antes de la faena

Rusia pide mejorar vigilancia en la producción cárnica

15 de agosto de 2018 | enviado oficial se reunió con la cámara de la carne

El director del Servicio Federal de Supervisión Veterinaria y Fitosanitaria de la Federación Rusa, Sergey Dankvert, se reunió ayer con miembros de la Cámara Paraguaya de Carnes en Mariano Roque Alonso y pidió a los mismos aumentar la vigilancia con más tecnología en la industria de la carne.

La reunión tuvo lugar ayer a la tarde en la oficina del referido gremio cárnico. En principio, Sergey Dankvert vino a nuestro país en representación de la Federación Rusa para la asunción al mando del presidente Mario Abdo Benítez.

El funcionario ruso desde hace años se encuentra al frente del organismo sanitario de su país y su visita también tiene que ver con la suspensión de algunos frigoríficos paraguayos para exportar carne a Rusia.

Según el presidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Juan Carlos Pettengill, el funcionario ruso felicitó por la buena producción en este sector y espera que se mantenga la calidad del producto a ser enviado a su país. El pedido de Sergey es que se aumente la vigilancia respecto a la sanidad animal para garantizar la calidad de la carne. Para ello recomendó invertir en tecnología.

Preguntado si se refirió a la suspensión de algunos frigoríficos como Frigonorte y Frigochaco, dijo que el funcionario entendió que la presencia del antibiótico oxitetraciclina más bien tiene que ver con la ganadería y no con la industria. Pettengill cree que existe un 99% de posibilidades de que se levante la suspensión de ambas plantas frigoríficas.

De todos modos, apuntó que para el jueves a las 9:00, en el local de Senacsa, está prevista una reunión del funcionario ruso con autoridades del Ministerio de Agricultura y Ganadería y Senacsa para dar a conocer el resultado de la inspección a los dos frigoríficos.

De la reunión de ayer participaron también Dmitry S. Natavor, asistente de Sergey; Julia M. Koroleva, directora del Centro Federal de Evaluación de Inocuidad y Calidad de Granos y Productos de su Procesamiento; Elena Ermakova, vicejefe del Departamento de Análisis de Mercado, y el embajador de Rusia en Paraguay, Nicolay Tavdumadze, entre otros.

Preocupa a Rusia carne ingresada desde Brasil

17 de agosto de 2018 Autoridades sanitarias de Rusia, segundo principal comprador de carne de Paraguay, se reunieron ayer con el ministro de Agricultura y Ganadería, Denis Lichi, y expresaron preocupación por la posible triangulación del producto hacia su mercado. Los últimos acontecimientos registrados en el país referente al ingreso ilegal de carne bovina desde el Brasil, así como de ganado vivo, es el motivo, explicó el ministro tras la referida reunión.

Lichi conversó en el Hotel La Misión de nuestra capital con la directora del Servicio Federal de Vigilancia Veterinaria y Fitosanitaria de Rusia, Yulia Koroleva, y el jefe de Vigilancia Federal Veterinaria y Fitosanitaria de ese país, Sergei A. Dankvert, entre otros miembros de la referida delegación.

“Brasil fue suspendido por Rusia por dos años porque en el vecino país usan hormonas en el ganado; por eso temen incluso el ingreso de animales a nuestro territorio”, comentó Lichi.

También participó del encuentro el titular del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Dr. Fredis Estigarribia. Este comentó que en la oportunidad se habló principalmente de los controles del Senacsa en los puntos de ingreso de frontera seca. Según Lichi, los rusos dijeron que tienen el mismo problema con Bielorrusia.

“Hemos indicado que tras los acontecimientos el Senacsa implementó la Ventanilla Única de Importación para la carne, que no se aplicaba. Además, que se están haciendo controles móviles con Aduanas”, acotó.

Campaña agrícola

En otro orden de cosas, el nuevo titular del MAG manifestó ayer que trabajarán contra reloj para salvar la situación de la nueva campaña agrícola que está en puerta, a iniciarse en setiembre próximo.

Taiwán triplica compra de carne

16 de agosto de 2018 Luego de proveer a Taiwán 6.000 toneladas de carne por año, Paraguay pasará a enviar en el 2019 el total de a 20.635 toneladas, según informó ayer el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), Fredis Estigarribia, en conversación con ABC.

Según lo señalado, Estigarribia preguntó el motivo de este aumento a las autoridades taiwanesas, a lo que estas le dijeron que se debe a la calidad del producto. “Es por la exigencia del mercado, por su exquisitez (de la carne paraguaya)”, indicó.

Esta operación implicará el ingreso de más de US\$ 100 millones, ya que el precio que se está pagando es de US\$ 5.000 por tonelada.



El titular de Senacsa reconoció que las compras de Taiwán no están al nivel de las de Rusia y Chile, nuestros principales compradores, pero argumentó que el hecho de que haya triplicado su adquisición es muy importante porque posiciona al producto nacional. De acuerdo con los datos, en total, el Paraguay percibe anualmente cerca de 1.500 millones de dólares por venta en este rubro.

Reunión con rusos

En otro orden, Estigarribia informó que prevé reunirse hoy con el secretario de Agricultura de Rusia, quien vino al Paraguay en representación del presidente Vladimir Putin. El encuentro será en hotel La Misión de Asunción, a las 9:00, y será con presencia del nuevo ministro de Agricultura y Ganadería, Denis Lichi Ayala.

De acuerdo con los datos, en lo que respecta al conflicto que hubo por el ingreso de carne sin los permisos correspondientes, que derivó en la suspensión de varios frigoríficos, los principales mercados de la carne que tiene Paraguay no variaron su percepción hacia nuestro país. Chile y Rusia pidieron informes sobre lo que pasó, y les satisfizo la respuesta, aseguró el titular de Senacsa. Además, se espera que en poco tiempo Rusia vuelva a habilitar a Frigonorte y Frigochaco, cancelados porque se detectó presencia del antibiótico oxitetraciclina en sus productos.

ESTADOS UNIDOS

USDA prevé un aumento en la producción total de carne en 2018, pero menor producción de carne vacuna

15 de agosto de 2018

El aumento en la producción de pollos de engorde compensó la caída en la producción de carnes rojas (vacuna y de cerdo) y de pavo según el último informe del Departamento de Agricultura de Estados Unidos (USDA por su sigla en inglés), "Estimaciones de Oferta y Demanda Agrícola Mundial".

El USDA elevó el pronóstico de la producción total de carne de 2018 de 46,7 millones de toneladas proyectadas en julio a 46,8 millones de toneladas en agosto. Por el contrario, las estimaciones de producción de carne vacuna para 2018 bajaron de 12,3 millones de toneladas pronosticadas en julio a 12,2 millones de toneladas en agosto.

La menor producción de carne vacuna refleja un menor ritmo de comercialización en el tercer trimestre. La faena es elevada, pero datos recientes de peso carcasa y una proporción mayor de vacas en el total de la faena llevaron a una reducción en los pesos esperados de las canales durante el segundo semestre del año.

Feed lots nuevamente con márgenes en rojo

August 14, 2018 Cattle feeding margins declined \$34 per head last week as cash cattle prices fell \$2 per cwt. , leaving closeouts \$5 per head in the red. (Wyatt Bechtel)

Cattle feeding margins declined \$34 per head last week as cash cattle prices fell \$2 per cwt. That left closeouts showing average losses of \$5 per head. Packer margins gained \$10 per head to \$174, according to the Sterling Beef Profit Tracker.

The beef cutout increased \$1.47 per cwt., closing at \$204.61. The cost of finishing a steer last week was calculated at \$1,558, which is \$178 higher than the \$1,379 a year ago. The Beef and Pork Profit Trackers are calculated by Sterling Marketing Inc., Vale, Ore.

A year ago cattle feeders were earning \$223 per head. Feeder cattle represent 73% of the cost of finishing a steer compared with 72% a year ago.

Cash prices for fed cattle are \$4 per cwt. lower than the same week a year ago. Lean hog prices are about \$32 per cwt. lower than last year.

Sterling Marketing president John Nalivka projects cash profit margins for cow-calf producers in 2018 will average \$128 per cow. That would be \$30 per head less than the estimated average profit of \$158 for 2017. Estimated average cow-calf margins were \$173 in 2016, and \$438 per cow in 2015.

For feedyards, Nalivka projects an average profit of \$51 per head in 2018, which would be \$185 less than the average of \$236 per head in 2017. Nalivka expects packer margins to average about \$147 per head in 2018, up from \$120 in 2017.

Checkoff :se extiende la batalla legal a más estados

August 14, 2018 R-CALF seeks to add states to injunction while NCBA vows to defend checkoff against HSUS and other activists. (.)

The beef checkoff faces new challenges in 13 states as opponents have expanded their legal campaign following a Montana injunction last year. The Ranchers-Cattlemen Action Legal Fund, United Stockgrowers of America (R-CALF USA) has asked District Court Judge Brian Morris, Great Falls, MT, to expand the injunction to include checkoff funds in Hawaii, Indiana, Kansas, Nebraska, Nevada, New York, North Carolina, Pennsylvania, South Carolina, South Dakota, Texas, Vermont and Wisconsin.



R-CALF's latest action has heightened concern among state beef councils across the country, and brought further warnings from checkoff supporters who claim R-CALF's efforts are supported by the Humane Society of the United States (HSUS). That claim is tied to the fact R-CALF is represented by Public Justice, an organization that has represented HSUS in the past.

"It is very disappointing that R-CALF, supposedly an organization representing the interests of cattle producers, would team up with an activist group with close ties to the Humane Society of the United States, a sworn enemy of animal agriculture," says Kansas Livestock Association president Lee Reeve, Garden City, Kan. "If successful, this lawsuit will silence producer voices and stifle the demand-building programs directed by cattlemen and cattlemen who volunteer to serve on the Kansas Beef Council Executive Committee."

The current injunction against the checkoff was upheld by the 9th Circuit Court of Appeals in April, and only applies to Montana. Under the injunction, the \$1 beef checkoff is still collected, and the money is sent to the Cattlemen's Beef Board. Montana ranchers who wish for half of their dollar to go to the Montana Beef Council must complete a producer consent form, and the CBB then sends the money back to Montana.

Montana Beef Council executive director Chaley Harney told *Drovers* the injunction has dramatically reduced the organization's revenue this year.

"We expected \$1.7 million to be collected by the checkoff (in Montana)," Harney said. "Half of that, or about \$850,000, would stay in Montana. Since the injunction we've received less than \$200,000."

R-CALF and other opponents to the beef checkoff say they object to their money being used to "fund private speech with which they disagree and cannot influence." In a statement, R-CALF CEO Bill Bullard says the "checkoff program has weakened the U.S. cattle industry," and that his group's objective is to stop "USDA from forcing (producers in the additional 13 states) to fund private speech that undermines their financial and economic interests."

The national Cattlemen's Beef Association (NCBA), however, says it is fully committed to the Beef Checkoff Program and the "state beef councils who carry out necessary demand-building programs on behalf of the industry."

In a statement issued last week, NCBA said the "attack by R-CALF and its activist partners on 13 additional state beef councils is nothing more than an attempt to broaden the damage they have caused in Montana. There they have already weakened the producer-directed programs that support beef demand and divided neighbors in a manner that undermines the best interests of the entire beef community."

NCBA also said that while it is not a party to the litigation, "the association's support for the Beef Checkoff is unwavering. We will stand with the state beef councils and help defend them against the attacks being orchestrated by R-CALF and its activist allies, who are aligned with the Humane Society of the United States and other anti-agriculture organizations."

AUSTRALIA

Récords en la exportación de carne *grainfed*

15 August 2018

Records

Cattle on feed at the end of the June 2018 quarter rose to a record 1.12 million head, which was an increase of 94,777 head (or 9%) from the March quarter, and 3% higher than the previous record set in June 2017.

Grainfed beef exports over the aforementioned period achieved a new high of 74,932 tonnes shipped weight (swt), up 10% from the same period last year and the impact of record numbers of cattle on feed has been further reflected in the latest export figures, as grainfed exports in July totalled 28,145 tonnes swt – the largest month on record.

Robust export demand across all traditional grainfed markets during the June quarter continued with shipments to Japan and Korea both up 8% year-on-year. Volumes to China lifted 74% from year-ago levels to 12,653 tonnes (swt) which for the June quarter saw China overtake South Korea to become Australia's second largest grainfed beef market in volume.

Cattle on feed

Deteriorating seasonal conditions throughout the June quarter contributed to feedlot cattle inventory reaching record levels, despite demand for feed grain rising and prices trending significantly higher. Wheat ex-Darling Downs averaged \$381/tonne, while barley averaged \$383/tonne, an increase of 48% and 58% year-on-year, respectively.

During the June quarter, feeder buyers accounted for 44% of EYCI eligible cattle, a modest decline from the March quarter as opportunistic restockers, with feed on hand took advantage of falling young cattle prices. However, feeder buyers have also been incentivised by declining cattle prices.



The domestic feeder steer indicator throughout the June quarter averaged 278.14¢/kg lwt – representing a 7% decline from the March quarter and 19% lower compared to the June 2017 quarter. Despite the fall in cattle prices, the surge in grain prices more than offset any input cost gains; however, finished cattle prices provided some support. The Queensland 100-day grainfed steer over-the-hooks indicator averaged 521¢/kg cwt in the June quarter, representing a decline of 4% (or 24¢) from the same period last year. Processor demand for quality finished cattle and robust Asian demand for grainfed product underpinned the support for finished prices.

Elevated demand and higher prices for grain will continue to pressure lot feeders, as will the ability to source suitable entry weight cattle. The average weight of EYCI eligible cattle purchased by feeder buyers in the June quarter was 360kg, a drop of 14kg on the previous quarter.

Overall, the feedlot sector continues to support Australian beef production - as challenging conditions hamper large parts of the country - evidenced with feedlots at 86% utilisation and a record number of cattle on feed.

Sequía impulsa la faena de hembras

15 August 2018 With most of the country experiencing some level of drought, producers have been destocking at a rapid rate. A good indicator of how the season is going is the ratio of male vs female cattle being sent to processors. The latest ABS data has the percentage of female slaughter in June at 54%, the highest since June 2015 and within 2% of the highest on record, reached in the 2002 drought. Typically, the Australian cattle herd enters a contraction phase when the proportion of female slaughter exceeds 47% of total slaughter over a 12 month rolling average. ABS figures show that, nationally, that point was reached in May and has continued to increase since.

We entered the year with the national herd rebuilding following the liquidation of 2.4 million head* in the drought from 2013-15. The herd increased 4.2% in 2017 with improved seasonal conditions, however with the poor season this year, MLA estimates the herd will decline 1.8% in 2018.

Carcase weights are showing the effects of the increased female slaughter combined with tough conditions. The average carcase weight of slaughtered adult cattle reached 300kg for the first time last November. It didn't stay there for very long however, with a consistent decline since March to average 286.6kg in June. Female carcase weights decreased by 4% between March and June to an average of 253kg. Male slaughter has shown a similar decline, down 12kg on average between March and June. Taking into consideration the record numbers of cattle on feed, this highlights the lack of forage mass available.

As of the August 3rd, NLRS slaughter data for NSW and Queensland shows a 12 month rolling average for female slaughter at 50% and 39% respectively. For the week ending August 3, the NSW female slaughter percentage reached 57%. While this number is slightly distorted due to the annual winter dairy cow cull, it is still well above the five-year average for the beginning of August of 50%. The female kill in Queensland also measured levels above the five-year average, up 1% to 41%.

Importan Kobe beef y compite con el produc to local

15 August 2018 - Japanese luxury wagyu beef faces a challenge in making inroads into the Australian market, where meat from locally grown crossbred wagyu has already established a presence.

Jiji Press reports that Australia recently resumed imports of Japanese beef after lifting in May a ban introduced in 2001 due to an outbreak of bovine spongiform encephalopathy (BSE), or mad cow disease, in Japan.

Many Australians like lean meat. But highly marbled domestic wagyu beef produced from cattle carrying Japanese genes is also popular.

Kimio Osawa, a wholesaler in Australia, started importing wagyu from Japan in late July. He bought a wagyu cow produced in Kagoshima Prefecture, a prominent wagyu production center in southwestern Japan.

"Japanese wagyu has a look, taste and flavor that can't be realized with Australian breeds," Mr Osawa said.

EMPRESARIAS

Marfrig y Embrapa hacen alianza para certificar carne vacuna

14/08/2018 - Se busca fortalecer la descomoditización de la carne.

Marfrig Global Foods y la Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) anunciaron una alianza estratégica para fortalecer la descomoditización de la carne bovina brasileña a través de los conceptos productivos Carne Carbono Neutro (CCN) y Carne de Bajo Carbono (CBC).



Según publicó Carnetec, estas marcas, desarrolladas por Embrapa, certificarán carnes producidas en sistemas que neutralizan o reducen la emisión de metano emitido por los animales.

La iniciativa diferencia el producto brasileño en negociaciones de barreras no tarifarias relacionadas con las cuestiones de sostenibilidad y trae un importante eslabón de la cadena ganadera para fomentar el desarrollo.

“Marfrig refuerza por medio de la alianza con Embrapa su pilar estratégico de la sostenibilidad, incentivando la producción sostenible y llevándole al consumidor una carne de calidad con garantía de origen y reducción de gases de efecto invernadero”, afirmó Martín Secco, CEO de Marfrig.

La ganadería representa el 6,8% de todo el PIB brasileño. Entre 1990 y 2015, hubo una reducción del área de pasto del 12%, mientras que en el mismo período la productividad de la carne creció el 229%.

JBS alza del dólar provoca aumento de las pérdidas en el segundo trimestre

15/08/18 - por Equipe BeefPoint Os negócios de carne bovina da JBS no Brasil e sobretudo nos EUA impulsionaram o desempenho da empresa brasileira no segundo trimestre, gerando quase R\$ 2 bilhões em caixa livre. Apesar disso, o impacto – sem efeito sobre o caixa – da apreciação do dólar sobre o valor em reais das dívidas em moeda estrangeira ofuscou os resultados.

No segundo trimestre, a JBS teve um prejuízo de R\$ 911 milhões. No mesmo intervalo de 2017, a empresa lucrou R\$ 309 milhões. O impacto da alta do dólar sobre a dívida também elevou a alavancagem (dívida líquida sobre o Ebitda), de 3,24 vezes em março para 3,5 vezes no fim de junho.

Desconsiderando o impacto do câmbio sobre a dívida, a JBS teve um lucro líquido de R\$ 2,9 bilhões no segundo trimestre. Trata-se de um ganho mais de nove vezes superior ao visto um ano antes.

Embora a alta do dólar tenha um impacto negativo sobre as dívidas, a depreciação do real é positivo para as exportações da JBS e para a receita das operações da empresa fora do Brasil, as mais relevantes. No segundo trimestre, a receita líquida da JBS somou R\$ 45,1 bilhões, alta de 8,4% sobre os R\$ 41,6 bilhões registrados no mesmo intervalo de 2017.

Puxado pelo negócio de carne bovina dos EUA, que está em um dos melhores momentos da história – beneficiado pela demanda aquecida no país e pela maior oferta de bois –, o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização (Ebitda, na sigla em inglês) ajustado da JBS atingiu R\$ 4,2 bilhões no segundo trimestre, alta de 12,8% ante o Ebitda de R\$ 3,7 bilhões do mesmo período do ano passado. Com isso, a margem Ebitda ajustada da empresa brasileira foi de 9,4%, 0,4 ponto percentual acima da reportada um ano antes.

O Ebitda foi ajustado para retirar o efeito da greve dos caminhoneiros no Brasil, que teve um impacto de R\$ 112,9 milhões sobre os resultados da Seara, a unidade que agrega as operações de aves, suínos e de alimentos processados no Brasil.

Considerando as diferentes unidades da JBS, o negócio de carne bovina nos EUA registrou o melhor desempenho em rentabilidade. No segundo trimestre, o Ebitda da JBS USA Carne Bovina (que também contempla as operações no Canadá e na Austrália) cresceu 75,8% na comparação anual, para US\$ 570,1 milhões. Assim, a margem Ebitda atingiu 10,2%, ante 5,9% no segundo trimestre do último ano.

Por outro lado, as operações de frangos (Pilgrim's Pride) e suínos da JBS nos EUA foram prejudicadas pela concorrência com a carne bovina e pela disputa comercial dos EUA com China e México, o que afetou os preços dessas proteínas no mercado americano. Entre abril e junho, o Ebitda da Pilgrim's caiu 37%, para US\$ 282,5 milhões, e a margem recuou de 16,3% para 10%. No caso das operações de carne suína, o Ebitda recuou 42%, para US\$ 103,4 milhões, com a margem caindo 4,5 pontos percentuais na comparação anual, a 7,2% no segundo trimestre.

De acordo com uma fonte próxima à JBS, os negócios de carne de frango e carne suína nos Estados Unidos apresentam “desafios”, mas o bom momento na operação de carne bovina mais do que compensa, sobretudo porque essa divisão de negócios no mercado americano é a mais importante da JBS. No segundo trimestre deste ano, por exemplo, representou mais de 40% da receita da empresa. No Brasil, país cujas operações são responsáveis por mais de 20% das vendas (incluindo as exportações), o negócio de carne bovina teve sensível melhora, com aumento dos abates e recuperação da rentabilidade. O negócio foi o mais prejudicado em 2017 pela delação dos Batista.

No segundo trimestre, o Ebitda do negócio de carne bovina no Brasil somou R\$ 358,6 milhões, alta de 37,4% na comparação anual. Já a margem saiu de 4,2% para 6,2%. Já a Seara foi prejudicada pelo excesso de oferta de carne de frango no Brasil e pela paralisação dos caminhoneiros, o que fez o Ebitda cair 68%, para R\$ 113,8 milhões.

Com dívida de R\$ 2,5 bi, JBS não aderiu ao Refis

Fonte: Valor Econômico. 16/08/18 - por Equipe BeefPoint Com uma dívida tributária de R\$ 2,5 bilhões com o Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS) relativa ao Fundo de Assistência ao Trabalhador Rural (Funrural), a JBS foi o único entre os grandes frigoríficos do país que ainda não aderiu ao Refis que



renegociou as dívidas com a contribuição previdenciária. No fim de maio, o prazo para a adesão ao Refis, que abate 100% de multas, juros e encargos, foi prorrogado até 30 de outubro.

Em teleconferência com analistas na manhã de ontem, o presidente das operações da JBS no Brasil, Wesley Batista Filho, afirmou que a JBS ainda não decidiu se vai aderir ao Refis. “Esse tema está em análise. Estamos acompanhando os desdobramentos”, afirmou ele.

Na prática, a empresa ainda avalia a conveniência de reconhecer os débitos, que são questionados na Justiça. Embora o Supremo Tribunal Federal (STF) tenha reconhecido a constitucionalidade do Funrural no ano passado – obrigando os pagamento das dívidas contraídas no passado –, advogados de frigoríficos entendem que o STF ainda não julgou se a chamada sub-rogação é constitucional. Se for declarada inconstitucional, os frigoríficos ficariam livres desses pagamentos.

Com a sub-rogação, os frigoríficos (adquirentes) assumem a responsabilidade de pagar o Funrural que é cobrado dos pecuaristas. Nas demonstrações financeiras do segundo trimestre, divulgadas na noite de terça-feira, a JBS justificou a opção por ainda não ter aderido ao Refis do Funrural.

“Baseada na opinião dos assessores jurídicos e fundamentada em jurisprudência favorável do STF, em casos semelhantes, a administração acredita que prevalecerão seus fundamentos e nenhuma provisão foi registrada para essa contingência, considerando a probabilidade de perda como possível”, informou a companhia.

O não contingenciamento das dívidas como as do Funrural motivou um parágrafo de ênfase no relatório da Grant Thornton, que audita o balanço da JBS. “O eventual desfecho negativo dessas demandas poderá trazer impactos sobre as atividades operacionais da companhia e/ou necessidade de recursos adicionais para fazer frente a eventuais dispêndios significativos e extraordinários”, apontou o auditor da empresa.

As dívidas com o Funrural são de grande monta. Marfrig e Minerva, por exemplo, aderiram ao Refis do Funrural no segundo trimestre. No caso da Marfrig, a adesão provocou um impacto (sem efeito sobre o caixa da empresa) de R\$ 616 milhões no segundo trimestre, o que foi crucial para o prejuízo líquido de R\$ 582 milhões reportado pela empresa no período. No caso da Minerva, o impacto (não caixa) foi de R\$ 470,3 milhões. Marfrig e Minerva pagaram a dívida com o Funrural com o uso de créditos fiscais.

Marfrig pérdidas por R\$ 582 millones en el segundo trimestre

15/08/18 - por Equipe BeefPoint A Marfrig Global Foods encerrou o segundo trimestre deste ano com prejuízo líquido atribuído ao acionista controlador de R\$ 582 milhões, 122% pior que o do mesmo período de 2017.

Em relatório que acompanha o balanço, a administração diz que o resultado da operação continuada antes do impacto não recorrente do Funrural, e com um mês da operação da América do Norte, foi negativo em R\$ 175 milhões. “Esse resultado foi influenciado pelo impacto de 16% da apreciação cambial sobre os juros e dívida, em cerca de R\$ 100 milhões, e pelo ainda elevado patamar da despesa financeira, que será reduzido com a finalização do processo de venda da Keystone.”

Por sua vez, o Ebitda (lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização) é apresentado em mais de um critério. O dado ajustado proforma é de R\$ 918 milhões, 87% superior ao segundo trimestre de 2017, com margem de 9,2%, ante 6% um ano antes. O resultado proforma considera a conclusão da aquisição da National Beef em junho.

No demonstrativo do resultado, o Ebitda é negativo em R\$ 185 milhões, revertendo cifra positiva de R\$ 86 milhões; e no critério ajustado, de R\$ 461 milhões, 199% maior que no segundo trimestre de 2017.

A receita líquida subiu 135%, para \$ 5,115 bilhões. Já o dado proforma vai a R\$ 9,9 bilhões, 21% superior. O resultado financeiro ficou negativo em R\$ 517 milhões, 8% acima da despesa do segundo trimestre de 2017.

CHINA Alibaba contribuye a fortalecer el sector de alimentos

15 August 2018 - After taking the lion's share of China's e-commerce sector, Alibaba Group Holding Ltd is looking to revamp the food sector by addressing the imbalance between supply and demand.

Hema Fresh, its iconic fresh food chain that employs technologies to dispatch goods and manage inventory, plans to open stores across all first and second-tier cities in China and aims to reach at least 300 million consumers.

The goal was announced at last week's vendor conference in Shanghai, where Hema forged partnerships with over 500 merchants including agriculture produce bases, and pledged not to charge any fees as prerequisites for brands to access Hema.

Chief Executive Officer Hou Yi said the company was making more efforts in product development with merchants and targeting sales of tailor-made goods to account for half of Hema's overall sales in three years.

New Zealand-based dairy giant Fonterra Co-op Group Ltd was among the early adopters of such a model. For instance, the pair are shortening the shelf life of milk sold in stores down to less than 24 hours from the



usual seven to 10 days. The milk is produced and collected each day at Fonterra's dairy hub in Hebei province, one of the two the company operates in China.

Such a tie-up is part of Hema's "Daily Fresh" program, which sees a host of fresh produce and meat removed from store shelves at the end of the day and replaced with fresh products the following morning.

The model is likely to be extended to a wider variety of goods, with Hema signing direct procurement contracts with agricultural produce bases in Yunnan, Hubei and Shandong provinces.

"Under the project, consumers can buy the most comprehensive and fresh local produce at the lowest possible prices," said Wang Minzheng, head of the department of agriculture of Yunnan province.

"Eliminating middlemen can effectively trim costs and boost retail efficiency," said Gu Guojian, head of Shanghai Chain-Store & Franchise Institute. "The model is especially meaningful as China moves to increase imports and enhance circulation efficiency."

"They can totally leverage big data instead of third-party market research firms to get more precise customer insights and estimates of market size, therefore deciding what and how much (of the goods) to keep stock of," said Shi Jialong, head of China internet equity research at Nomura Securities Co Ltd.

The move aims to meet the evolving preferences of Chinese consumers who shun preservatives in their quest for a healthier lifestyle. According to Hou, Hema's typical consumers are middle-to-upper income earners who are willing to experience new things and shop on a daily basis rather than weekly.

Unlike conventional supermarkets that introduce a wide range of products for shoppers to compare, Hema has adopted the buyer model, where professional procurers are responsible for sourcing and hand-picking the right goods to sell.

"This model is 'win-win' as it revolutionizes the producer end by using customer data to predict their preferences and can tailor manufacturing to meet their needs," said Lao Guoling, a professor at Shanghai University of Finance and Economics.

New Manufacturing is one of the five "New"s that Alibaba founder Jack Ma proposed two years ago to reshape commercial technologies.

Ele.me, Alibaba's newly acquired food delivery arm, has integrated its membership system with Alibaba's e-commerce sites to tap into at least 500 million active users who could order food as they shop via their mobile devices.

Koubei, its offline local services platform, has also branched out by offering breakfast pre-ordering services via smart phones in a number of café and bakery chains in Shanghai.

MARFRIG VENDIÓ KEYSTONE A TYSON POR US\$ 2500 MILLONES

Fonte: Valor Econômico.17/08/18 - por Equipe BeefPoint

A Marfrig Global Foods, segunda maior empresa de carne bovina do mundo, fechou no fim da noite de quinta-feira a venda da Keystone Foods para a americana Tyson Foods, por cerca de US\$ 2,5 bilhões, apurou o Valor.

Pelo acordo, a Marfrig permanecerá com apenas uma fábrica de hambúrgueres da Keystone nos EUA. A Marfrig também controla nos EUA, desde junho, a National Beef, quarto maior frigorífico americano de carne bovina.

De acordo com uma fonte, inicialmente a Marfrig pretendia obter cerca de US\$ 3 bilhões, mas a forte queda do preço da carne de frango nos EUA (a proteína é a mais importante para a Keystone) fez a Tyson ganhar poder de barganha.

Tyson Agrees to Buy Chicken-Nugget Maker Keystone for \$2.5 Billion

Bloomberg August 17, 2018 Tyson Foods Inc agreed to buy chicken-nugget maker Keystone Foods LLC from Brazil's Marfrig Global Foods SA for about \$2.5 billion, Bloomberg News is reporting.

Tyson Foods Inc., the largest U.S. meat producer, agreed to buy chicken-nugget maker Keystone Foods LLC for about \$2.5 billion, according to a person familiar with the matter.

Brazil's Marfrig Global Foods SA, which is selling Keystone, will retain a U.S. hamburger factory, said the person, who asked not to be identified because the transaction hasn't been formally announced.

The price of the deal is less than the \$3 billion initially expected after conditions in the U.S. chicken market deteriorated, the person said. Demand in the U.S. has softened and domestic supply has risen, Tyson said earlier this month. Springdale, Arkansas-based Tyson and Marfrig declined to comment on the deal, which was first reported by Reuters. Marfrig shares jumped as much as 8.3 percent in Sao Paulo.

The acquisition is Tyson's largest since it bought sandwich maker AdvancePierre Foods Holdings Inc. in 2017. Under Chief Executive Officer Tom Hayes, Tyson has been trying to expand its range of prepared-foods offerings. The Keystone deal comes at a time when U.S. producers are grappling with weakening meat prices amid higher supplies and import tariffs imposed by China and Mexico in retaliation against U.S. duties on metal shipments.

Keystone, which supplies nuggets to McDonald's Corp., had revenue of \$2.8 billion last year. It has operations in seven U.S. states as well as in South Korea, China, Malaysia, Thailand and Australia. While



its American assets account for almost 70 percent of sales, the food-service company has experienced stronger growth from its Asian arm. As well as chicken nuggets, Keystone also makes beef patties, ready-to-cook chicken wings and fish filets.

Besides Tyson, Keystone attracted bids from Cargill Inc., China's Cofco Ltd. and an unidentified Japanese firm, two people with direct knowledge of the matter said in June. George's Inc. -- a family-owned chicken producer based in Springdale, Arkansas -- also presented a binding offer.

Marfrig will now focus exclusively on its beef operations in South America and the U.S., marking the latest shift in its strategy. The company, controlled by its founder, Marcos Molina dos Santos, had previously sought to diversify into pork, chicken and processed food through acquisitions, but the move never paid off, and Marfrig posted net losses for the past five years amid a debt glut.

In April, it surprised investors by buying a majority stake in Kansas City-based National Beef Packing Co. in a \$969 million deal that turned it into the world's second largest beef producer. The proceeds from Keystone sale will be used to fund the acquisition as well as to pay down debt.